

Jefferson se entrega após atirar contra agentes da PF

Ex-deputado atacou policiais com tiros de fuzil e granada, ao rejeitar despacho de Moraes de retorno à prisão preventiva

A uma semana do segundo turno das eleições, o ex-deputado Roberto Jefferson reagiu ontem com tiros de fuzil e lançamento de granadas em policiais federais que foram cumprir mandado de prisão determinado pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). Os policiais revidaram o ataque, mas não invadiram a casa do político.



Jefferson

sonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também criticaram as reações de Jefferson (*leia mais na página 9*).

Na decisão que tirou Jefferson do presídio de Bangu 8, no Rio, e o liberou para o regime domiciliar, em janeiro deste ano, Moraes proibiu o ex-deputado de manter qualquer comunicação exterior, vedando inclusive a participação em redes sociais. À época, o ministro destacou que o descumprimento injustificado das medidas resultaria no restabelecimento imediato da prisão preventiva.

Proibição

No despacho de sábado, Moraes apontou ao menos seis episódios ocorridos nos últimos três meses em que Jefferson teria afrontado as condições de cumprimento da prisão domiciliar. O magistrado determinou ainda busca e apreensão em imóveis do ex-deputado, o proibiu de receber visitas na cadeia e estabeleceu cobrança de multa diária de R\$ 10 mil pela sucessiva afronta às vedações impostas.

Na tentativa de cumprir o mandado judicial, ontem, dois agentes ficaram feridos após serem atingidos por estilhaços de granada e tiro de raspão. Foram levados a um hospital e passavam bem, informou a PF. No fim da tarde de ontem, Moraes determinou de novo a prisão preventiva de Jefferson, desta vez sob acusação de flagrante delito de tentativa de "duplo crime de homicídio".

Em vídeos gravados dentro de sua casa, Jefferson mostrou, por meio de câmera de segurança, a chegada dos policiais à entrada de seu terreno e dizia que iria "enfrentá-los". Em um segundo vídeo, ele exibiu a viatura da PF com o para-brisa baleado e afirmou que houve troca de tiros. Fora de sua casa, filmou outro vídeo em que disse que "não atirou em ninguém para pegar" e que não se entregaria.

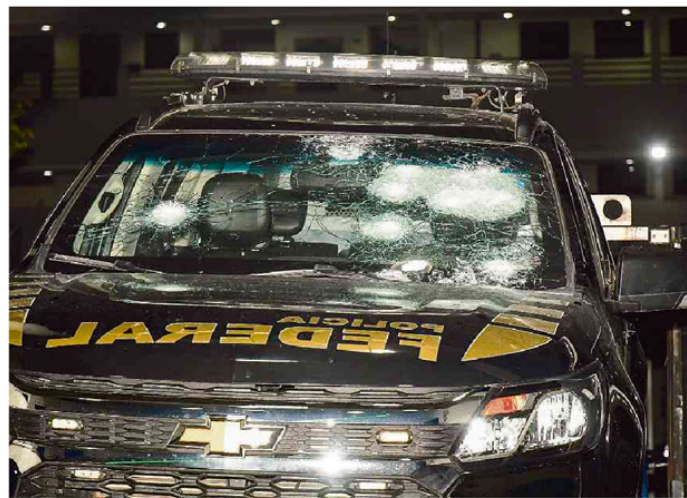
Após atacar os policiais federais, Jefferson repetiu um lema de Bolsonaro: "Deus, Pátria, Família, Vida e Liberdade". A frase consta também do plano de governo apresentado ao TSE pelo presidente.

Depois de oito horas desrespeitando a ordem judicial, o ex-presidente do PTB aceitou, por volta de 19h, a determinação, em rendição negociada pelo ministro da Justiça, Anderson Torres, que comandou as tratativas a partir de Juiz de Fora (MG), onde estava. A residência do ex-deputado chegou a ser isolada. Segundo o jornal O Globo, o setor de inteligência da Polícia Federal (PF) teria detectado informações de que Jefferson tentava aguardar até terça-feira, prazo limite para prisões em flagrante, com intuito de tumultuar o processo eleitoral.

A ação ocorreu em Comendador Levy Gasparian, no interior do Rio de Janeiro. Jefferson, aliado de Bolsonaro, é investigado por atuação em milícia digital contra a democracia. Moraes, que também é presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), é relator do inquérito na Suprema Corte.

Em vídeo divulgado na sexta-feira, Jefferson comparou a ministra Cármen Lúcia, que atua no STF e no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a uma "prostituta" por ela ter votado a favor de restrições na emissora Jovem Pan. Usou também os termos "Bruxa de Blair" e "Carmen Lúciifer" para se referir à ministra. Ao longo da semana passada, a emissora de rádio foi condenada pelo plenário do TSE por repetir declarações consideradas distorcidas e ofensivas contra o ex-presidente e candidato Lula a partir de falas de seus comentaristas.

Os ataques de Jefferson foram fortemente repudiados por Moraes, a presidente do Supremo, Rosa Weber, juízes federais e políticos, entre eles os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), além de diversas entidades. Bol-



Uma viatura da Polícia Federal foi atingida por tiros disparados pelo político

Uma trajetória de polêmicas e embates

FÁBIO SCHAFFNER

fabio.schaffner@zerohora.com.br

Ao receber a tiros e granadas uma equipe da Polícia Federal (PF), o ex-deputado Roberto Jefferson (PTB) traduziu em violência armada o ocaso de uma carreira política marcada por polêmicas e destemperos verbais. Aos 69 anos e com quatro décadas de vida pública, o ex-presidente do PTB jamais foi exemplo de moderação.

Com verve treinada em quase 200 julgamentos em tribunais do júri, o advogado criminalista fluminense ganhou notoriedade nos anos 1980, ao levar para a TV a defesa das causas judiciais de pessoas humildes. Ele era uma das principais atrações do programa populareresco *O Povo na TV*, exibido às tardes pelo SBT.

Catapultado pela audiência e pelo apoio de outro polêmico político fluminense, Tenório Cavalcanti, Jefferson se elegeu deputado em 1982. A parceria com Tenório, que circulava pela Baixada Fluminense com uma capa preta e uma submetralha-

dora alemã a tiracolo, foi fundamental para alcançar os 85.638 votos que lhe dariam o primeiro de seis mandatos consecutivos de deputado federal.

Na Câmara, Jefferson logo se notabilizou pela truculência. Em 1985, destruiu a machadada um painel com os nomes dos parlamentares ausentes na votação da anistia. Mais tarde, trocava a arma branca pela de fogo. Em plena Constituinte, revólver a mostra na cintura de um termo de linho branco, apareceu na Casa disposto a "resolver na porrada" uma que-rela com o então deputado gaúcho Jorge Uequeud (MDB).

Armamentismo

Desde então, raro era o dia em que não circulava armado pelos corredores do Congresso, onde passou a defender tanto a pauta armamentista – chegando a acumular 125 armas em sua coleção particular – quanto a liberação dos jogos de azar, legislando em favor de antigos clientes, como grandes bicheiros cariocas.

Sua presença ostensiva nos

debates contrastava com sua produção parlamentar. Em 22 anos de mandato, apresentou 78 projetos e aprovou apenas dois, o principal permitindo advogados a assistirem os clientes em CPIs, um dos palcos em que ele próprio mais brilhou.

Em 1992, liderou a tropa de choque que tentava impedir o impeachment do então presidente Fernando Collor. Mas foi em outra CPI, a do Mensalão, que alcançou o auge da popularidade ao denunciar, em 2005, o esquema de compra de votos no Congresso.

Jefferson acabaria cassado e preso, condenado a sete anos e 14 dias na prisão. Deixou a cadeia em maio de 2015, após cumprir apenas 14 meses e 23 dias da punição. No ano seguinte, duas semanas depois de ter a pena perdoada pelo STF, surgiu no Congresso defendendo o impeachment de Dilma Rousseff.

Desde então, Jefferson vivia no ostracismo, tratando o câncer e uma depressão. Ressurgiu durante a pandemia, como apoiador do presidente Jair Bolsonaro.

Bolsonaro repudia reação armada e questiona atuação do Judiciário

Lula critica incentivo ao ódio e ofensa a ministros do Supremo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política **Página:** 8 e 9